

Sociedade

SAÚDE EM RISCO NA REGIÃO DA PANASQUEIRA

Marta F. Reis
marta.reis@sol.pt

Estudo do Instituto Ricardo Jorge, nunca divulgado na íntegra em Portugal, alertou em 2014 para a «necessidade urgente» de intervenção das autoridades competentes.

Os trabalhadores das Minas da Panasqueira e as populações das povoações mais próximas como a aldeia de São Trancoso de Assis ou Barroca do Zêzere têm alterações no sistema imunitário, resultado da exposição a metais pesados, que podem aumentar o risco de doenças autoimunes e cancro. O alerta surge num estudo publicado em 2014, a que o SOL teve acesso, e em que os autores vinculados ao Instituto Ricardo Jorge consideravam haver a «necessidade urgente de uma intervenção na área pelas entidades competentes para proteger a saúde das populações que trabalham e vivem perto da mina». O trabalho suscita dúvidas sobre a saúde pública na região envolvente daquela que é uma das minas históricas do país — onde se explorava volfrâmio há mais de um século. Saindo numa publicação estrangeira, a que só tem acesso facilitado quem está no meio académico. Não foi divulgado na íntegra em português e o SOL sabe que nunca foi remetido às autoridades pela equipa.

Investigador recusa falar
O SOL procura ao longo de meses falar com os autores portugueses do estudo, que colaboraram com investigadores de Espanha, Austrália e Itália. O trabalho foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, Comissão Europeia e pela Associação Italiana de Investigação do Cancro. Tive de ser um autor estrangeiro a remeter o estudo ao SOL. João Paulo Teófilo, que encabeçou o Projeto de Biomonitorização de populações residentes em áreas de exploração mineira: o caso da envol-

proteção das populações e de todo o ecossistema». Questionado sobre se informaram as autoridades sobre estes resultados concretos, o gabinete de comunicação do Instituto público, indica apenas que estas minas, e riscos associados, assim como a sua zona envolvente são «há vários anos alvo de atenção pelas entidades públicas».

DGS pediu informações, Agência do Ambiente desconfiada
A Direção-Geral da Saúde, autoridade de saúde nacional, não respondeu diretamente se tinha conhecimento deste estudo, mas indicou ter solicitado informação ao departamento de saúde pública da Administração Regional de Saúde da região Centro e à autoridade local de Saúde. Estas entidades informaram que estudos como aquele sobre a qual o SOL se debruça têm permitido concluir que pode «chegar devido de parâmetros biológicos nas populações expostas que não são doença mas que podem ser um estado precursivo». As mesmas entidades entendem que as medidas de requalificação que têm vindo a ser executadas na região têm sido consideradas «suficientes para assegurar a contenção da contaminação ambiental e assim impedir a exposição da população».

A DGS informou que a zona das minas está sujeita a um processo de monitorização ambiental, tendo sido construída uma estação de tratamento de água da mina (ETAM) onde os metais pesados são tratados e a qualidade dos efluentes controlada. São também efetuadas análises de controlo em vários pontos, à saída da ETAM e no rio Zêzere, a jusante das minas, cujos resultados são comunicados à Agência Portuguesa do Ambiente e à DGS. Por outro lado, desde 2000 que está em curso um plano de requalificação para controlo do depósito de resíduos no Cabeço do Pião — uma das escumbrinhas da mina. A DGS informa que foram feitas obras de estabilização dos taludes e drenagem de água, que minimizam a ocorrência de águas que transportam os resíduos. No âmbito da vigilância da qualidade da água para consumo, a DGS informa ainda que os serviços de saúde pública locais constatarem que, entre 2014 e 2016, «não há incumprimento de testes de metais pesados». Inquirido sobre esta matéria, o ministro do Ambiente directores o pedido de informação para



gão têm sido consideradas «suficientes para assegurar a contenção da contaminação ambiental e assim impedir a exposição da população».

A ETAM inclui duas estações de tratamentos de águas, uma mais antiga instalada em 1967 e outra inaugurada em 2011, ambas anteriores ao estudo e nada foi feito para perceber se houve alguma alteração nos indicadores biológicos aquáticos. Anselmo Gonçalves, investigador de Coimbra que se tem debruçado sobre este tema (ver página) denuncia, aliás, que as estações estão por vezes sobrecarregadas e em períodos de maior precipitação não têm capacidade para tratar todas as águas. Têm capacidade para tratar em conjunto 800 m³/hora, e em anos de mais chuva o volume chega a 2.000. Mas esse não é o único problema: mesmo havendo análises à água da torneira, o investi-

gator português do Ambiente (APA), que respondeu que desconhece o referido projeto. E informou que depois de estudos prévios para a recuperação ambiental das escumbrinhas da mina está a ser feita a monitorização da massa de água a jusante das minas, estando previstos estudos de bioacumulação de metais em peixes. A APA indica que se trata de uma medida corretiva, salientando, contudo, que é alheia ao teor do relatório mencionado. Não refere se irá fazer algo na sequência do mesmo.

Contradições: estudo robusto ou exploratório?
A ETAM inclui duas estações de tratamentos de águas, uma mais antiga instalada em 1967 e outra inaugurada em 2011, ambas anteriores ao estudo e nada foi feito para perceber se houve alguma alteração nos indicadores biológicos aquáticos. Anselmo Gonçalves, investigador de Coimbra que se tem debruçado sobre este tema (ver página) denuncia, aliás, que as estações estão por vezes sobrecarregadas e em períodos de maior precipitação não têm capacidade para tratar todas as águas. Têm capacidade para tratar em conjunto 800 m³/hora, e em anos de mais chuva o volume chega a 2.000. Mas esse não é o único problema: mesmo havendo análises à água da torneira, o investi-

Os perigos para a saúde

Os investigadores relacionam a exposição a níveis elevados de metais pesados como chumbo ou manganês a alterações imunológicas significativas, como a diminuição ou aumento da atividade de grupos de linfócitos, células do sistema imunitário, alterações que têm sido ligadas a uma maior susceptibilidade a doenças infecciosas ou cancro. Foram incluídas no estudo 41 pessoas que vivem num raio de 6 km da mina, 41 mineiros e 40 pessoas de aldeias mais distantes como Cesegs e Urbele e «Vilho», estas com outro nível de controlo. Um outro estudo de 2014 alerta que as elevadas concentrações de metais pesados nos solos apontam para um elevado risco carcinogénico, quer por ingestão direta na respiração ou ingestão de vegetais. M.R.

WWW.SOL.PT



‘Não sinto empenho nem atenção para com esta gente’

Anselmo Gonçalves é investigador do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e fez o doutoramento em Geografia Física com uma tese sobre a contaminação associada à mina da Panasqueira. O passivo ambiental é «monumental», diz, defendendo que há muito a fazer.

Que nível de contaminação encontrou nesta região?
Encontrei níveis de metais muito altos nas águas da ribeira do Bodelhão e no Zêzere. Faço uma análise ao longo de 15 anos e as médias, no global, ultrapassam os limites máximos de referência da Organização Mundial de Saúde.

Quais são os pontos críticos?
O problema é o passivo ambiental acumulado desde que se iniciou a atividade mineira, há 118 anos. Mas não só. A existência de duas enormes escumbrinhas, a Barroca Grande e a do Cabeço do Pião, que estendem para a ribeira do Bodelhão e rio Zêzere, respetivamente, faz com que as escorrências diretas de metais para os rios ocorram sem qualquer controlo, e por aí ainda se há muita precipitação.

Esas descargas de água da mina são preocupantes?
A água de mina, assim como as escorrências geradas pela precipitação nos taludes, pode causar impactos no ecossistema aquático devido ao seu baixo pH, o qual aumenta o poder de dissolução de elementos químicos tóxicos, transportando-os por vezes até distâncias consideráveis. Nas aldeias a jusante do Cabeço do Pião, muita da água do Zêzere e afluentes é usada para rega, entre outros fins, não sendo esta alvo de análises a qualidade para consumo humano. Dada a natureza tóxica e agressiva do arsénio e de outros metais pesados na Panasqueira, seria importante analisar a água do rio ao longo do seu curso em vários locais a jusante da Escumbrinha do Cabeço do Pião.

Existe alguma intervenção na zona sufliente?
Comecei a dedicar-me a este tema em 2004, com uma tese de mestrado, e concluí o doutoramento em 2015. O problema mantém-se. A anterior proprietária da concessão fez um esforço meritório na conclusão da Estação de Tratamento de Águas Residuais que vem da mina de Lavaria, que foi ao longo dos últimos anos de certa forma capaz de tratar esses efluentes. Mas há sempre um ‘mas’: a ETAM está por vezes avariada e não consegue tratar na totalidade os efluentes, muitos direcionados diretamente para a ribeira. E não existe um sistema que controle as águas de escorrência das escumbrinhas, espalhando-se estas pela área em redor.

Sente que os seus alertas têm surgido algum efeito?
Não. Quem lida com este tipo de trabalho na área ambiental é vis-

to pelas empresas como ambientalista radical, lunático e utópico, e facilmente incutem nos seus trabalhadores a ideia que quem investiga nesta área não sabe nada, que só quer é destruir o emprego. Somos vistos por muitos trabalhadores como *persona non grata*. Seria muito mais simples se numa visita integrada fosse a própria empresa a privilegiar as medidas necessárias para equalizar a atividade mineira e o ambiente. Sei que isso fica mais caro, mas as pessoas ganhariam claramente com essa assunção de responsabilidade.

Que medidas seriam prioritárias?
O passivo ambiental é de tal forma monumental que jamais se conseguirá repor, mas poder-se-ia trabalhar no sentido de aumentar a capacidade da ETAM ou construir condutas em torno das escumbrinhas para recolher as águas de escorrência, encaminhando-as para a ETAM, evitando assim que estas se encaminhem diretamente para a ribeira do Bodelhão e para o Zêzere.

Porque é que não há suficiente atenção do Estado para os perigos de saúde a que estão sujeitas as populações?
Os efeitos sobre a saúde são mais ou menos evidentes em função dos minerais em exploração, e são mais agressivos do que os outros para a saúde humana. O Estado está alheado desta problemática, não sinto empenho nem atenção para com esta gente.

As pessoas estão preocupadas?
A verdade é que a população tem muito pouco perceção para as consequências desta atividade, aceitando muitas vezes as doenças como castigo divino, nunca procurando saber a origem. Esta área apresenta um dos mais altos índices de envelhecimento. Os níveis de escolaridade refletem baixos níveis de literacia da população residente: cerca de 25% são analfabetos e 40% possuem apenas o 1.º Ciclo do Ensino Básico. Frente este cenário, facilmente se poderá compreender o alheamento das pessoas face à problemática ambiental.

«A população tem pouca perceção. Aceitam muitas vezes as doenças como castigo divino, nunca procurando saber a origem»

gador alerta que os residentes usam água de poço e não só para rega, o que pode ser outra via de intoxicação, pela ingestão de vegetais. Em outras na escumbrinha não estão todas feitas, além de que há duas escumbrinhas. As respostas remetidas ao SOL pelo Instituto Ricardo Jorge sugerem outras portas soltas no dossiê. O instituto refere que o estudo em causa é exploratório e transversal, com uma população baixa, e que, por isso, os resultados não podem ser extrapolados para a população no geral da zona. Porém, no artigo, há que estar em causa um estudo de «mais robusto» na sequência de resultados preliminares.

AS MINAS
História
Começaram a ser exploradas em 1896 e tiveram como impulso as grandes Guerras (o volfrâmio é usado no armamento). Chegaram a empregar 5.800 pessoas (hoje são 244).
Propriedade
Estiveram quase sempre em mãos estrangeiras. Este ano tornaram a ser exploradas pelo grupo canadiano Almonty, líder mundial neste minério.